

José Roberto Santos Neves

O homem e o mar

José Roberto Santos Neves

neves-jose@uol.com.br

Quando tive a oportunidade de entrevistar a Família Caymmi, em função dos 90 anos do patriarca Dorival Caymmi, em 2004, os filhos Nana, Dori e Danilo me confessaram que a mãe Stella não deixava as crianças se aproximarem do pai e nem fazer barulho enquanto ele compunha. “Papai está trabalhando”, dizia aos filhos. Isso nos leva a imaginar o cuidado com que o compositor burilava suas criações - foram cerca de 100, número relativamente pequeno para um autor com a sua longevidade, porém mais do que o suficiente para elevá-lo à categoria de gênio da música popular brasileira.

Caymmi era o último remanescente da geração conhecida como Época de Ouro, formada por Pixinguinha, Ary Barroso, Noel Rosa, Ataulfo Alves, Lupicínio Rodrigues, Lamartine Babo, Braguinha e tantos outros totens que forneceram a régua e o compasso para o desenvolvimento da nossa música, entre os anos de 1930 a 1945. Porém, diferentemente dos demais, sua obra é única e atemporal. Caymmi não tem seguidores. Inventor do samba praieiro, tinha a sua amada Bahia como inspiração, a Bahia que ele tanto (en)cantou em sucessos como “O que é que e a baiana tem?”, “Samba da minha terra”, “Saudade da Bahia”, “365 Igrejas”, “Você já foi à Bahia?”, “Saudade de Itapoã”, “Acontece que sou Baiano”, “Vatapá”. A paixão pelo mar e a dorência do canto dos pescadores resultaram em obras-primas como “É doce morrer no mar”, “A jangada voltou só”, “Pescador”, “O Mar”. No seu tabuleiro havia espaço ainda para os sambas-canções abolidos – “Marina”, “Sábado em Copacabana”, “Só Louco” - e para clássicos que abrilhataram as telenovelas (“Modinha para Gabriela”, tema de “Gabriela” (1975), e a canção de escravos “Retirantes” (do famoso refrão “lerê, lerê”), poesia de Jorge Amado musicada por Caymmi para “A Escrava Isaura” (1976).

Todas ficarão eternizadas no inconsciente coletivo nacional. O Brasil deve muito a Caymmi, à simplicidade dos seus versos e às melodias arredondadas, daquelas que a gente canta sem precisar de acompanhamento. Tom Jobim, João Gilberto e a bossa nova beberam muito de sua fonte. A notícia de sua morte me surpreendeu numa manhã ensolarada de sábado; mesmo sabendo de sua doença, para mim Caymmi não morreria jamais. Ou melhor: nomes como Caymmi não morrem nunca. Ele continuará vivendo eternamente nas ondas verdes do mar.